

4

Apresentação e análise dos resultados da pesquisa: dados do questionário

Esta análise foi feita com base no conjunto de 79 professores que responderam ao questionário (QPP) lançado nas duas listas de discussão utilizadas nesta pesquisa. Comparei, em muitas situações, os dados obtidos aqui com os apresentados pelo grupo JER (Mamede-Neves, 2010), na pesquisa *Mestres na Web* (JER-MW). Também não pude deixar de ratificar, agora já ao final de meu trabalho, alguns dados que encontrei com os recém apresentados por Suzana Gutierrez, em sua tese de doutorado sobre os Professores Conectados (PrC), defendida em dezembro de 2010(a). Apesar de sua pesquisa apresentar um número de atores aparentemente pequeno (14 professores), todos eles são também professores blogueiros, bastante ativos nas interações na Web e em suas produções (alguns comuns à minha pesquisa). Por isso, os dados por ela encontrados são bastante significativos para esta pesquisa e, nesse sentido, foram analisados.

Quando perguntados sobre os usos que fazem e as impressões que têm das mídias digitais em suas vidas, os professores de minha pesquisa apresentaram uma diversidade de conhecimentos e ações diante dessas inovações. Muitas dessas significações ainda bastante distintas de professores comuns/tradicionais, como os analisados em JER-MW; outras, nem tanto, como se pode esperar de uma mesma categoria (professores), com, pelo menos, alguma proximidade e sintonia.³⁸

A maior parte dos 79 professores consultados pelo questionário trabalha em instituições públicas de ensino: 53, contra 26 em particulares. Dentre eles, 41 professores mantêm maior carga horária nas Escolas Municipais ou Estaduais, 11 lecionam no Ensino Superior e 16 no primeiro segmento do Ensino Fundamental. Fica claro ainda que muitos docentes atuam em mais de um segmento. O maior número deles pertence, pelo menos, ao Ensino Médio: 48, no 1º e 2º anos, e 40, no

³⁸ Não foram comparados todos os itens da pesquisa, visto que o interesse desta são as representações e práticas docentes na sala de aula.

3º ano, embora haja quase metade (38) no Ensino Fundamental II. O gráfico seguinte expõe isso:

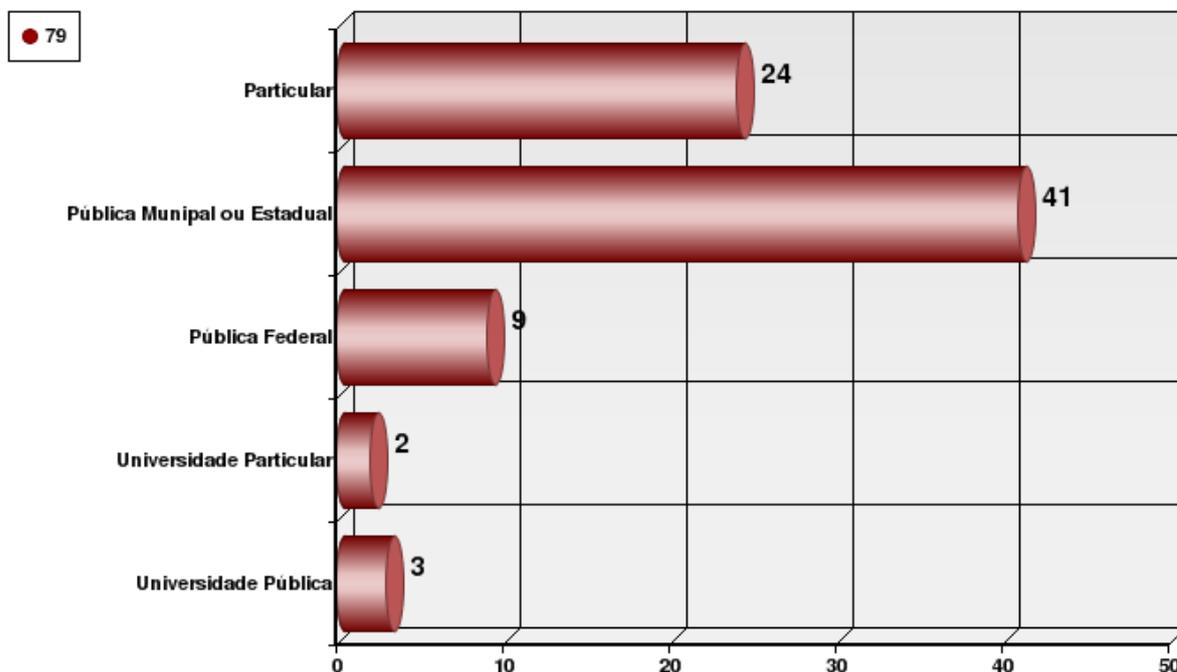


Gráfico 8 – Distribuição dos professores, segundo a carga horária em instituição (N = 79)

Chamou-me muito a atenção o fato de haver vários professores da rede pública atuando ativamente na renovação do ensino. Professores esses que, apesar de mal remunerados e bastante desvalorizados pelas políticas públicas e pela sociedade, continuam acreditando na Educação e, mais ainda, continuam assumindo para si a responsabilidade de lutar por mudanças e contagiar seus colegas para fazerem o mesmo.

Quanto à distribuição desse grupo pelas matérias que leciona, encontrei o seguinte perfil:

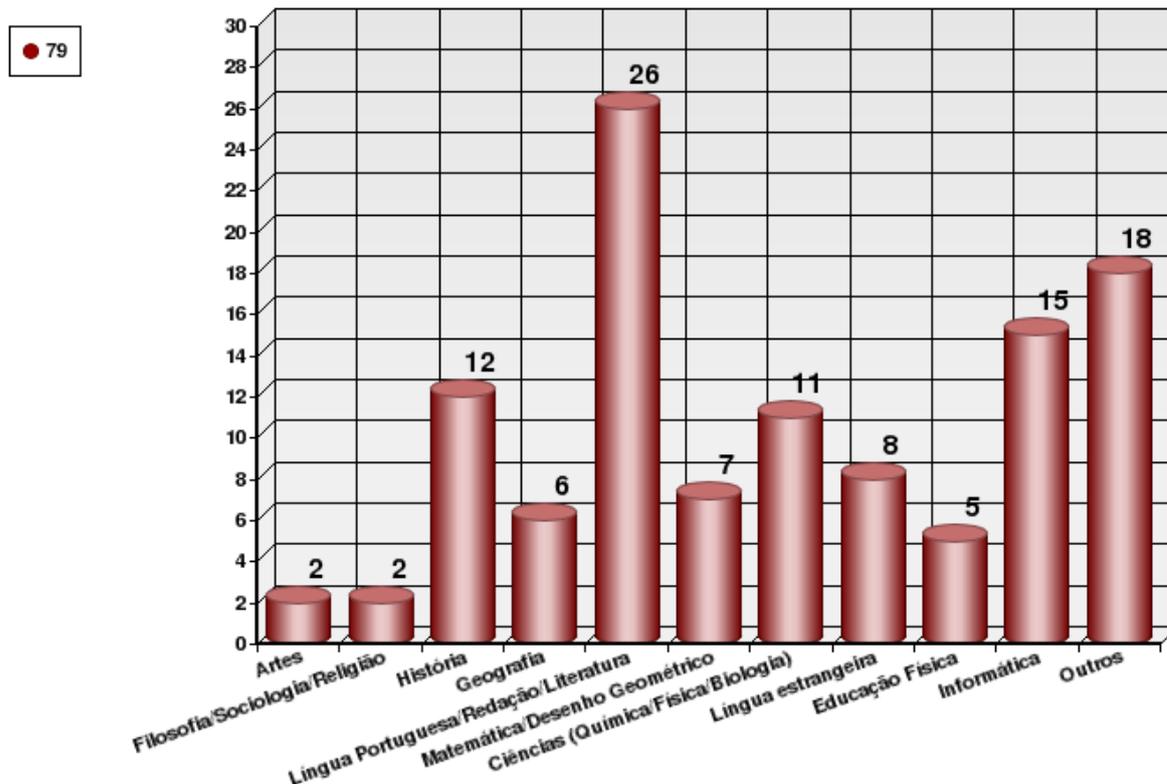


Gráfico 9 – Distribuição dos professores segundo disciplina(s) que lecionam (N = 112)

É interessante perceber que 26 dos 79 pesquisados são da área de Língua Portuguesa, Redação e Literatura (33%). Enquanto Matemática, disciplina comumente de mesma carga horária, apresenta apenas 7 docentes (menos de 10%). Os demais estão distribuídos nas outras disciplinas comuns ao currículo básico, tendo sido dada a opção de escolher “outros” (18), visto que há professores universitários e de Educação Infantil.

Essa diferença também me chamou atenção porque é do senso comum imaginar que pessoas da área de exatas têm maior probabilidade de se abrir às inovações tecnológicas. No entanto, percebe-se, cada vez mais, o potencial comunicativo e a riqueza de produção textual existentes com os recursos da Web. Talvez isso ratifique o real significado de Web, termo muitas vezes utilizado até por mim aqui como sinônimo de Internet. Na verdade, a Web não é considerada tecnologia, e sim mídia. Isso justifica o fato de se ter uma presença forte de pessoas ligadas às mídias de comunicação, os professores da área de Língua e Literatura. Os dados expostos por Suzana Gutierrez (2010a) também confirmam essa percepção. Dos 14 professores pesquisados, 9 são da área humana: 3 de Pedagogia, 3 de Língua Portuguesa, 2 de História e 1 de Direito.

Quanto à idade, encontrei esta distribuição:

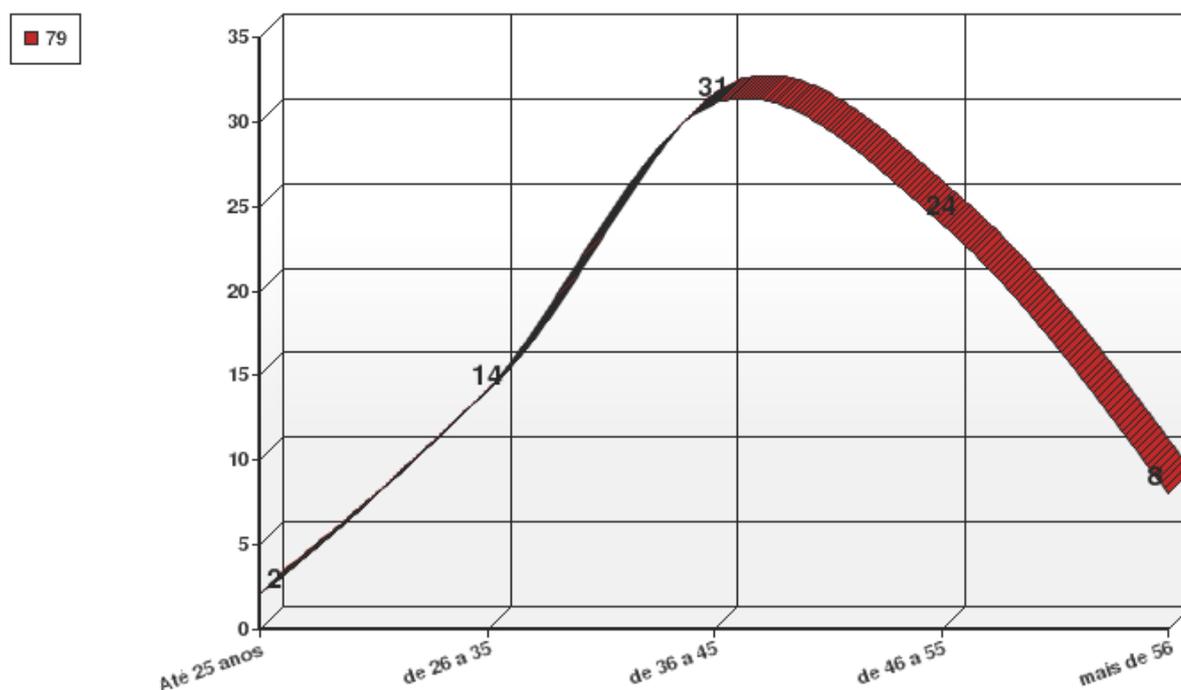


Gráfico 10 – Distribuição dos professores segundo a idade (N = 79)

Mamede-Neves (2010) ressalta que o acesso à Internet pelo público comum tem menos de vinte anos e que os professores mais “antenados” começaram a navegar e conhecer esse meio mais especificamente depois de 1998. Se pensarmos que um professor saído da universidade por volta de 1998 a 2000, hoje estaria com cerca de 32 a 34 anos, isso nos levaria a imaginar que os mais “plugados” e desenvolvendo projetos pioneiros deveriam estar, principalmente, na faixa de 26 a 35 anos. A surpresa é que 62 dos 79 docentes usuários de Internet em suas atividades por mim ouvidos têm mais de 36 anos de idade. Apenas 2 têm menos de 25 anos, isto é, formam o grupo que, pelo transcurso natural da História das Mídias, já pôde ter contato, desde cedo, com múltiplas tecnologias, inclusive a Internet. A pesquisa de Gutierrez (2010a) também ratifica essa percepção. Ela detectou que 10, dentre os 14 professores blogueiros, têm mais de 40 anos e apenas 1 tem até 30 anos.

Quanto ao sexo dos docentes analisados em comparação com o grupo do JER-MW, é a seguinte a distribuição:

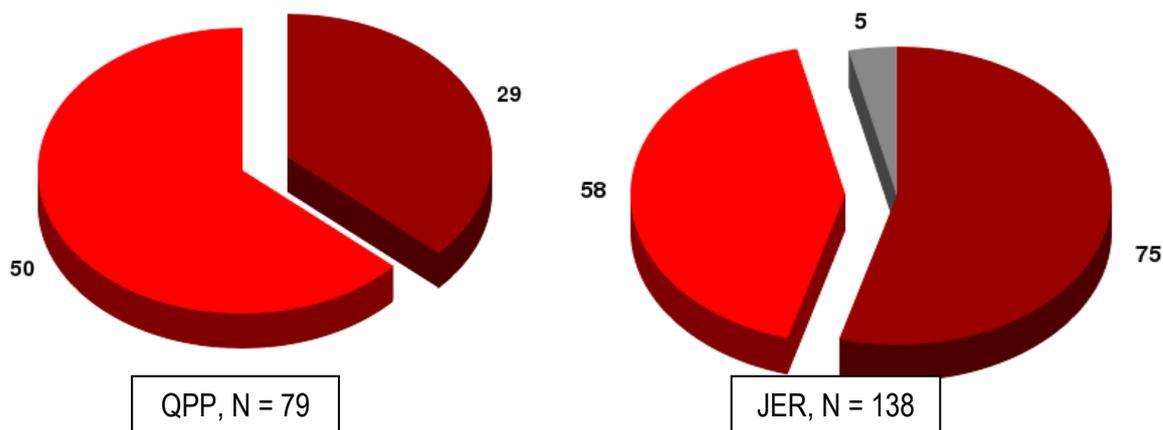


Gráfico 11 – Dados Comparativos entre QPP (N=79) e JER-MW (N=138) quanto à distribuição dos professores segundo o sexo

Houve uma diferença significativa em relação aos dados de JER-MW. Enquanto lá a proporção era quase a mesma entre homens e mulheres: 54% (75 em 138) para 42% (58 em 138), respectivamente. Aqui houve não só uma inversão como também uma diferença maior entre eles: 63% (50 em 79) são mulheres, para 37% (29 em 79) de homens. O que vejo aqui é que o questionário da pesquisa *Mestres na Web* foi enviado aos colégios e respondido aleatoriamente pelos professores do Ensino Médio dessas instituições, o que comprova a existência de um maior número de homens (se fosse respondido por professores do Ensino Fundamental, com certeza haveria mais mulheres). Em contrapartida, o questionário desta pesquisa foi respondido por quem está ativo na Web, participando por vontade própria das listas de discussão, isto é, aqui não encontraríamos a realidade das escolas, mas a realidade dos interesses pessoais. E essa percepção se confirmou na pesquisa de Gutierrez (2010a). Ela trabalhou com 14 blogueiros, sendo 11 professoras e apenas 3 professores.

Quanto ao uso do computador, vê-se que, do grupo aqui pesquisado, 73 professores utilizam computador há mais de oito anos, sendo 57 há onze anos ou mais, e 60 utilizam Internet há mais de oito anos, sendo 36, há onze anos ou mais. Esse número é bem maior que os encontrados na pesquisa *Mestres na Web*. O gráfico que segue pode ser mais esclarecedor:

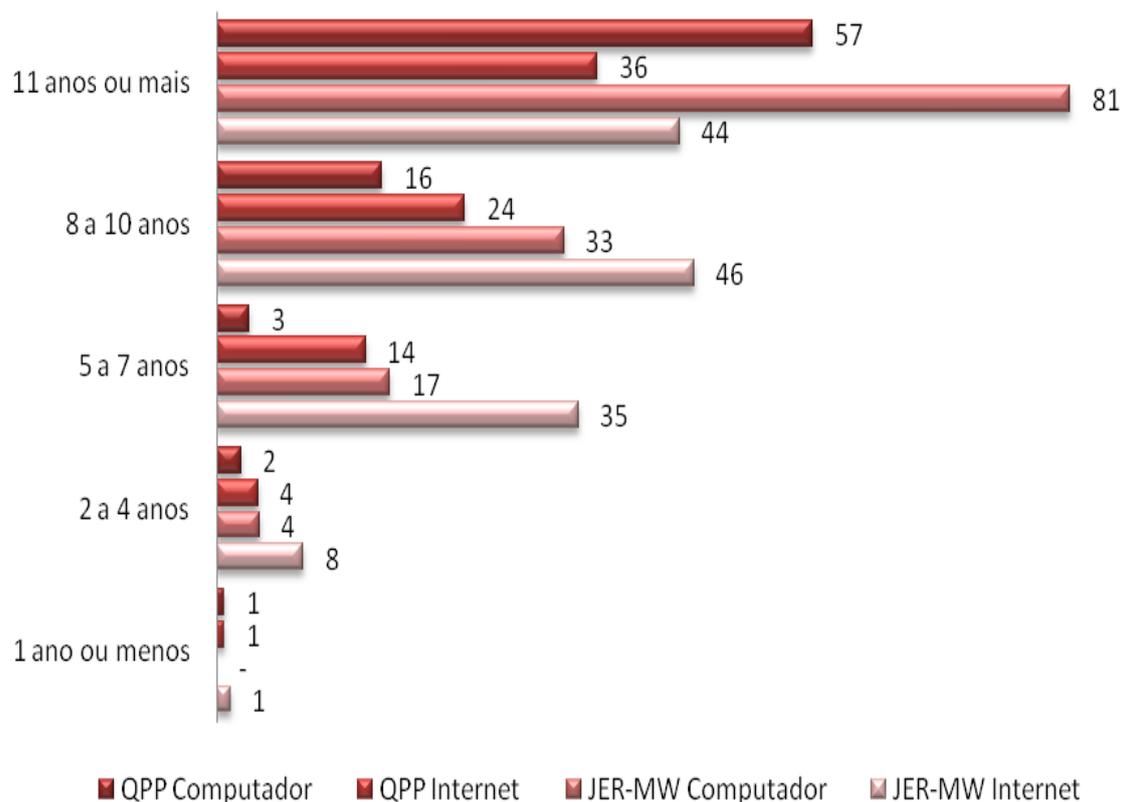


Gráfico 12 – Dados Comparativos entre QPP (N=79) e JER-MW (N=138) quanto ao tempo que os professores têm de uso de computador e de Internet

Quando perscrutei as razões que os grupos tiveram para adquirir o primeiro computador, percebi que, enquanto 113 dos 138 (81,9%) dos professores de JER-MW compraram o primeiro computador por necessidade de estudo ou trabalho – talvez possa se ler isso como uma questão de sobrevivência na sociedade que vem mudando e impondo novas necessidades –, detectei nesta parte da minha pesquisa que 50 de 79 (63%) o fizeram pelo mesmo motivo, mas 21 (27%) já o compraram por interesse pela tecnologia. Gutierrez (2010a) detectou que 6 de seus 14 atores tiveram, o primeiro contato com o computador por interesse na tecnologia em si.

Os participantes também tinham que indicar a frequência de uso que faziam de diversas mídias com o objetivo de se informar. Dos 79 professores pesquisados, 77 responderam, sempre ou quase sempre, para a Internet; 57, para a televisão; 55 para jornais impressos. Já em relação ao uso de revistas, 29 docentes se informam através delas quase sempre e 28 somente de vez em quando. Se por um lado podemos explorar a ideia, já mencionada no capítulo 2, de que a Internet é uma mídia que engloba o conteúdo de todas as outras (Lemos, 2003), isto é, o usuário pode, nela, ver vídeos, assistir a programas de televisão e ler as revistas

atuais, jornais e livros; por outro, podemos temer o baixo acesso dos professores a essas mídias impressas como baixo acesso à leitura e à informação consistente. Afinal, os livros, apesar de serem utilizados sempre e quase sempre por 61 dos 79 professores, são utilizados sempre por apenas 41 deles. Isto é, mesmo sendo (pouco) mais da metade, parece-me um número aparentemente baixo, diante do compromisso com o ensino e a aprendizagem de quem trabalha no magistério, principalmente quando 18 deste mesmo grupo assumem que só de vez em quando, ou pior, raramente, utilizam esse veículo para se informar. Esta pesquisa não se propôs investigar os motivos, mas levanta esta questão que se mostra importante e cuja maneira de saná-la talvez seja dando aos docentes acesso a material de qualidade, seja no investimento da formação e capacitação continuada, seja ainda por atividades que despertem o interesse, com ações culturais e econômicas.

Poderíamos pensar que a leitura de material impresso está sendo substituída pela leitura em mídia digital, porém não foi isso que constatei, pelo menos, no grupo estudado. Na relação da leitura de material impresso e digital, quando perguntados sobre se o uso da Internet mudou a sua relação com a leitura de material impresso, os atores desta pesquisa mostraram uma postura muito próxima dos de JER-MW, isto é, os professores continuam afirmando que não substituíram a leitura de material impresso pelo uso de Internet. Pareceria, então, que, de um modo geral, os professores ouvidos estariam lendo menos do que se almejava como um ideal diante da atividade profissional.

Pergunto-me, ainda, se existe uma diferença na percepção e no julgamento dos docentes sobre a leitura na tela em oposição à leitura de impressos. Ou seja, se a leitura digital ainda não é considerada uma leitura de significação, mesmo que o que se esteja lendo tenha uma autoria significativa. Talvez por esse caminho possamos encontrar alguma resposta para tais incompatibilidades.

Em relação aos suportes que usam ou gostariam de usar para trabalhar o conteúdo dentro do espaço de sala de aula, percebe-se uma proximidade com a pesquisa anterior. Mantém-se o número por volta dos 30% a 45% de professores (24 a 36, dentre os 79 da pesquisa QPP e 41 a 62, dentre os 138 de JER) que consideram os livros didáticos e as apostilas atraentes e fazem uso deles; e de quase a metade que repudiam partes de livros fotocopiados, apesar de 16 docentes de QPP dizerem que os utilizam, mesmo não os considerando atraentes.

Dos 79 professores desta pesquisa, 39 julgam as mídias auditivas (CD, rádio, mp3 etc.) atraentes e se servem delas em suas práticas. Os filmes considerados por JER-MW o suporte campeão de uso pelos professores (89 de 138, 64,5%) é valorizado por um grupo ainda maior nesta pesquisa: 70, de 79 (89%). Gostaria de saber, no entanto, mas isso é questão para outra pesquisa, qual uso os professores têm feito dos filmes que passam para seus alunos. Penso nisso, pois, infelizmente, já encontrei em muitos lugares, ou pela minha experiência de aluna, de professora ou mesmo de mãe, filmes sendo usados para substituir professor cansado, ausente ou, também, como um momento de lazer na escola, sem que seja feito um trabalho paralelo com o conteúdo visto pelos alunos.

Não é muito diferente com CD-Rom e Softwares Educativos, que, antes utilizados por 69 professores dos 138 (50%), aqui entra no gosto de 61 dos 79 (77%). Há, também, uma questão a se refletir sobre isso. Jenny, uma professora que participou também do debate, fez lá um comentário bastante pertinente a esse respeito. Segundo ela, muitos professores não querem ter trabalho e adoram usar softwares prontos.

Mas o campeão de nossos prováveis professores pioneiros são os sites da Internet: 76, dos 79 professores (96%), consideram-nos atraentes e os usam e os 3 professores restantes deste grupo só não o utilizam por problemas de infraestrutura e de acesso. Na outra pesquisa, apenas metade dos docentes faziam uso desse suporte.

É curioso perceber que os professores estão se mostrando abertos ao celular em suas práticas. Já há, inclusive, pesquisas sobre esse assunto e algumas atividades anunciadas em blogs de professores. O gráfico abaixo demonstra essa nova situação:

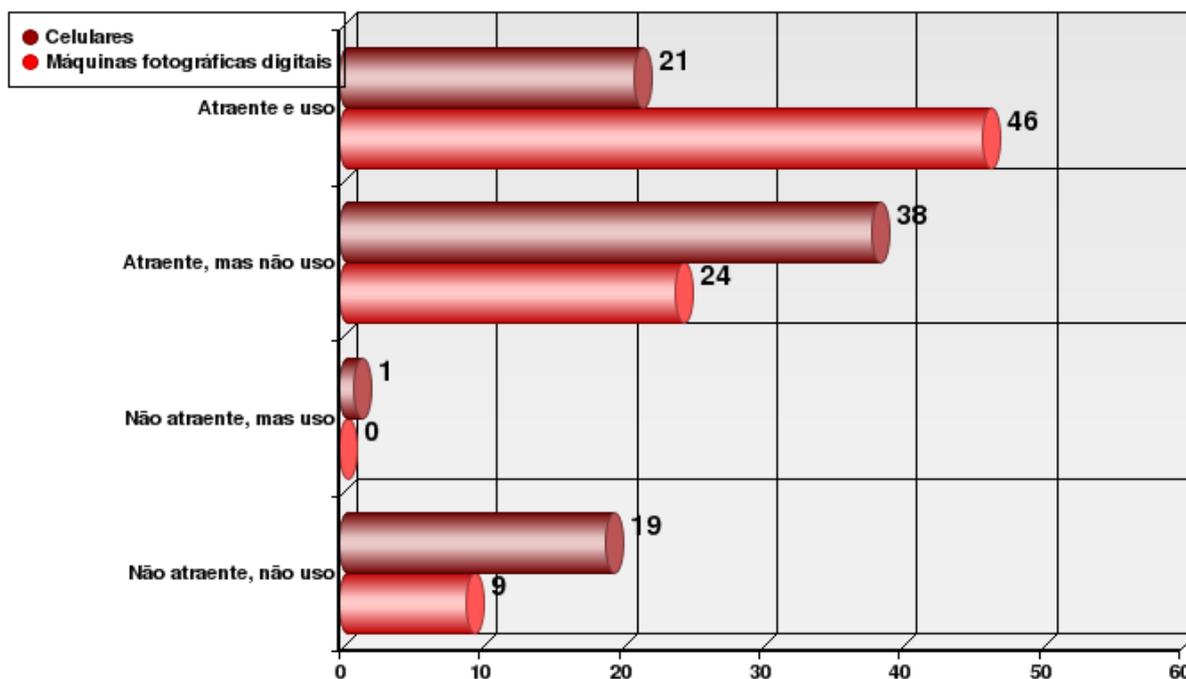


Gráfico 13 – Distribuição dos professores segundo a opinião que têm e o uso que fazem do celular e da máquina fotográfica digital, para trabalhar conteúdo (QPP N = 79)

De acordo com os dados do questionário, 21 professores gostam e já usam o celular na sala de aula e 38, apesar de não o usarem ainda, estão propensos a, quem sabe, utilizarem-no, pois gostam da ideia. As máquinas digitais, outro dispositivo tão aceito e adorado pelos jovens, já entraram com mais força no interesse dos docentes. Do grupo de 79 docentes, 46 dizem usá-las e 24 gostam da ideia, apesar de ainda não as terem colocado em suas práticas.

Acredito que essas duas mídias tenham um grande potencial no incentivo à aprendizagem pela forma como foram assumidas como parte – ou até mesmo extensão do corpo – dos jovens de hoje. Basta ver como é difícil afastá-los, por exemplo, do celular não só na cansativa sala de aula, que seria algo natural, mas também dos momentos mais interessantes e de entretenimento da vida deles (festas, cinema, praia etc.) Necessário é, com urgência, descobrir e experimentar formas de apropriação e uso delas com eficiência e eficácia.

Uma questão surgiu na leitura dos dados desta pesquisa. Enquanto, em JER-MW, todos os professores informaram ter, pelo menos, um computador com acesso à banda larga (realidade de uma cidade grande como o Rio de Janeiro), 12 docentes, nesta pesquisa, afirmaram não ter nenhum desktop conectado à rede em sua casa e 9 não têm laptop (ou netbook). Se, por um lado, existia a possibilidade

de alguém não ter nenhum dos dois tipos de dispositivos (de mesa ou móvel) em casa, também seria provável que, tendo um dos tipos, não necessariamente tivesse o outro. Voltando, então, ao QPP para verificar esse dado, descobri que apenas um professor dissera ainda não ter adquirido um computador (de mesa ou móvel), mas estar fazendo uso no local de trabalho e entrando nessa nova vivência por exigência da escola em que leciona e dos projetos que estão sendo desenvolvidos lá. Em relação aos demais, 29 docentes têm dois ou mais desktops conectados à rede em casa e quase a metade (35 dos 79) têm dois ou mais desses mesmos aparelhos móveis.

Também fazia parte desta pesquisa conhecer a relação do uso de Internet e a vida do professor. Aumentou, consideravelmente, o número de professores que julgam ter havido mudança para melhor seja no trabalho (78 professores), no lazer (66), no estudo (76), seja no acesso à informação (todos) ou, ainda, no seu dia a dia em geral (74 dos 79, 94%). Em JER-MW, este último quesito, que tem grande abrangência nas representações dos professores, girava em torno dos 70% (96 dos 138). A maior diferença, entretanto, se deu quanto à otimização do tempo. Em QPP, 63 professores (80%) dizem ter mudado para melhor, contra apenas 11 em 138 (8%) de JER-MW (Mamede-Neves, 2010). Penso que esse resultado ratifica uma ideia que se fará presente nesta pesquisa através da fala de outra professora no debate. Na verdade, o que diferencia os professores deste questionário dos da pesquisa *Mestres na Web* é a compreensão que têm da rede, isto é, a forma como encaram os desafios e oportunidades que o “estar e ser em rede” possibilitam (trecho de fala da prof. Suzana, no debate).

Outra diferença tem a ver com a melhoria nos relacionamentos e na área financeira. Enquanto na outra pesquisa, para os professores, nada mudou, aqui, não somente 60 professores perceberam que seus relacionamentos melhoraram, como quase a metade dos pesquisados (37) sentiram-se beneficiados financeiramente. A leitura que faço desses dados é que os professores desta pesquisa já integraram muito mais o uso da Internet como parte ou extensão de sua vida pessoal, profissional e social que os anteriores.

Quanto ao uso que os docentes fazem hoje da Internet, vemos que, no grupo estudado, a mudança na atitude dos usuários é muito grande. Poderíamos dizer que os professores pioneiros são proativos enquanto os outros docentes ainda não despertaram conscientemente para as transformações que vêm ocorrendo na

sociedade. Eles fazem um uso básico, necessário para a sobrevivência, e a opinião que têm de diversas ferramentas e usos ainda é bastante preconceituosa ou reativa. Mamede-Neves (2010) ratifica essa ideia, ao detectar que os professores daquela pesquisa não gostavam de participar de chats³⁹, blogs, fotologs. Já os do QPP utilizam MSN, Skype, Google Talk⁴⁰ (57, dos 79), têm blogs ou fotologs (62), visitam outros blogs e/ou fotologs (75), têm perfil em redes sociais – Orkut, Facebook (73), entram em ambientes Wiki – Wikipedia, por exemplo, (76).

Cresceu, de JER-MW para QPP, a percepção de que houve aumento do tempo dedicado ao trabalho, após a inserção da Internet em sua rotina. Enquanto lá, 46 professores (33,3%) constatavam isso; aqui 38 (48%) mencionam o mesmo. O tempo dedicado ao estudo pelos professores de nossa pesquisa também aumentou: 41 (52%) disseram estar se dedicando mais do que antes. Apesar desse aumento nesses dois aspectos, 51 professores (65%) afirmam que, desde que passaram a usar Internet, ainda dispõem do mesmo tempo que antes para as atividades pessoais. Acredito que essa questão deva ser melhor investigada em novas pesquisas, pois alguns dados parecem incoerentes. Afinal, detectei que os professores estão lendo aparentemente pouco na mídia impressa e afirmam que não diminuíram sua leitura nessa mídia com o advento da Internet. No entanto, aqui eles se apresentam dedicando-se mais ao estudo do que antes do acesso à Internet.

Entrando nas questões que diferenciam mais especificamente os professores pioneiros, verificamos que, em relação à estrutura, 75, dos 79 professores, dizem que há, na(s) escola(s) onde lecionam, acesso à Internet, mas, destes, 46 consideram necessário melhorá-lo. 65 dizem que há disponíveis equipamentos atualizados e em bom estado para acesso à Internet, apesar de quase a metade (35) afirmar a necessidade de também melhorar. Lembrando que a maioria dos professores desta pesquisa atua em instituições públicas, entendemos que, mesmo havendo inúmeras limitações, estão ocorrendo investimentos na adequação das escolas às necessidades tecnológicas atuais. Não obstante, é relevante destacar que, para os professores abertos às inovações tecnológicas, como os que responderam a este questionário, a aquisição de infraestrutura no ambiente de

³⁹ Chat significa conversação, bate-papo. É um neologismo para designar conversações online em tempo real. Isso é feito em programas como o MSN Messenger.

⁴⁰ Google Talk é um serviço de mensagens instantâneas do Google.

trabalho já é considerado um enorme ganho. Ainda há, no entanto, uma maioria que não tem a mesma facilidade, muito menos abertura em seus interesses para as novas necessidades e exigências.

O que se pode levantar é que, como afirma Mamede-Neves (2010), “a introdução da tecnologia, por si só, não garante a adesão do professor ao uso desses artefatos, não promove a expansão do campo da mídia educação na escola brasileira (...)”, mas as políticas públicas podem, além de dotar as escolas de condições para o desenvolvimento da cultura digital, capacitar seus mestres na percepção das possibilidades de uso em seu fazer docente.

Sobre a existência de liberdade para acessar a Internet no trabalho, 71 docentes afirmam não ter problemas, mas 36 deles ainda dizem que é preciso melhorar. 38 expõem que as escolas não promovem formação continuada para se aprender a utilizar a Internet e 25 relatam que, apesar de haver, é necessário melhorar.

Com relação ao incentivo ao trabalho colaborativo com outros professores, temos:

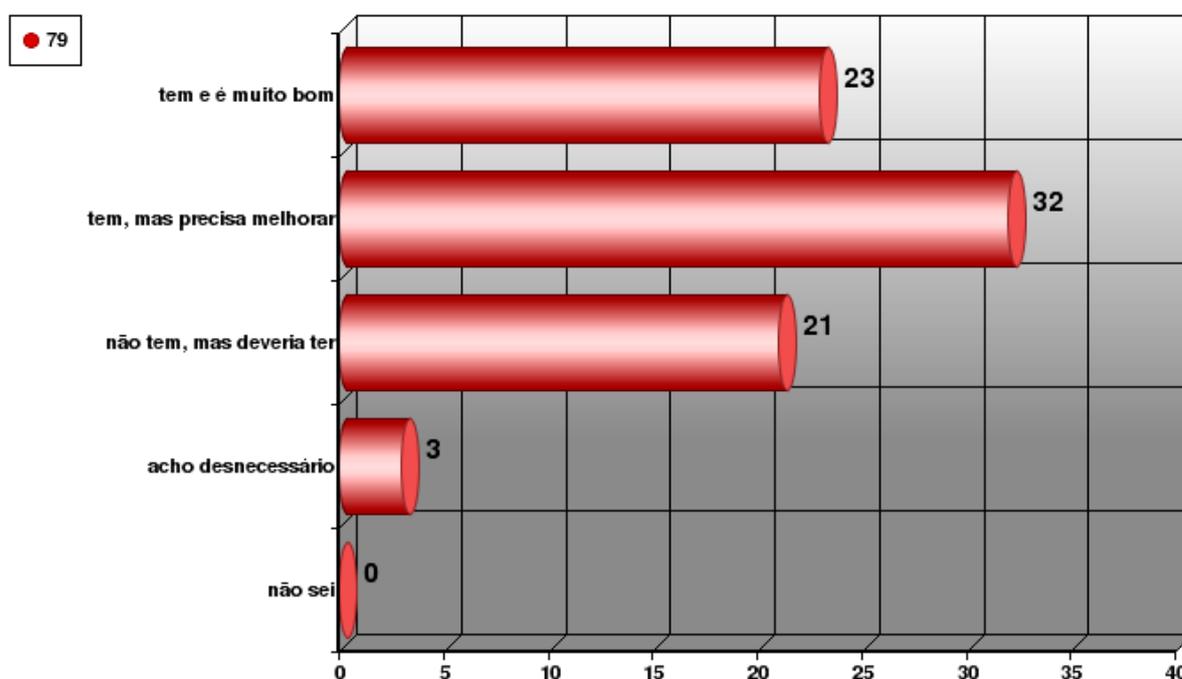


Gráfico 14 – Distribuição dos professores segundo o incentivo ao trabalho colaborativo (N = 79)

Interessante é ver que o olhar dos docentes para o incentivo ao trabalho colaborativo entre os pares é uma característica comum entre usuários que entendem o significado maior do ser e estar em rede. Percebe-se claramente esse

novo modo de ser – e de não se fechar em suas descobertas e conhecimentos, sua disciplina e suas avaliações, antes parte comum e do conhecimento de todos os educadores. Apenas 3 professores, ainda presos a algumas tradições, consideram desnecessário esse tipo de incentivo, mas somente 23 parecem vivenciar tal prática mais plenamente.

Com relação à possibilidade de o professor acessar a Internet em sala de aula com os alunos, as proporções diminuem. 32 relatam que não têm ainda como fazer isso e, dos quase 50 que já têm infraestrutura, 22 consideram que é preciso melhorar. No que diz respeito à liberdade para frequentar o laboratório de informática com os alunos, 34 professores afirmam que têm e a consideram boa e 30 dizem que têm, mas precisa melhorar. Em contrapartida, apesar de não ser um número gritante, 14 docentes dizem não ter essa liberdade. Isso apareceu não só no questionário, mas também em discussões nas duas listas aqui mencionadas. O que se vê é que, às vezes, infelizmente, a direção de uma ou outra escola pública, por desejar manter os equipamentos em bom estado, priva os alunos de os utilizarem com maior frequência. Eu quero ressaltar aqui esse problema tão grave em nosso país. Há muito vemos isso acontecer: bibliotecas inteiras com os livros lacrados ou pouquíssimo manuseados para não estragarem. Igualmente, hoje, estamos vendo laboratórios de informática que estão sendo construídos para “enfeitar” e entrar nas estatísticas governamentais de inclusão digital ou no melhor visual no *marketing* das escolas particulares. Da mesma forma que o livro cerrado na estante de nada serve ao desenvolvimento do ser humano, um computador desligado e sem acesso à Internet, de nada serve à criança em idade escolar. Em jornal de grande circulação no Rio de Janeiro em 23 de janeiro de 2011, num encarte com a propaganda de um curso de línguas, o grande diferencial apontado para enfatizar a sua qualidade era possuir “quadros interativos *touch screen* em todas as salas”. Como se a presença do material garantisse a qualidade do ensinado!

Quadros interativos
touch screen em
todas as salas.

- Aulas dinâmicas
- Turmas reduzidas
- *Kids, teens and adults*
- Professores nativos
- Mais de 90% de aprovação em exames internacionais

Matricule-se e fale o melhor inglês.
Conheça a nova filial BarraShopping.

Figura 10 – Propaganda em mídia impressa

Por outro lado, questionados sobre que uso, mais especificamente, fazem da Internet como recurso pedagógico no ambiente da sala de aula, os professores demonstraram exercer uma prática já bastante concreta, embora fique claro que, quando o projeto exige construção mais elaborada ou envolve o uso de várias ferramentas e conhecimentos da Web, as proporções ainda não sejam tão marcantes. 62 dos 79 docentes promovem sempre ou quase sempre a busca de textos complementares; 63 incentivam buscas de imagens, sons e vídeos; 57 promovem a construção de texto individual; 48 professores criam, sempre ou quase sempre, WebQuests, Wikis e promovem a criação de blogs e ou redes

sociais por seus alunos; 38 produzem, sempre ou quase sempre, na sala de aula com os alunos, imagens, sons e vídeos; 26 participam ou criam redes sociais com fim educativo; 23 criam textos coletivos, listas ou fóruns de discussão coletiva. Isto é, talvez ainda estejamos numa fase de transição, fazendo dois usos da Internet: buscas de textos, imagens e vídeos; construção de texto individual etc., um pouco do velho com roupagem nova, e produção de textos coletivos, wikis, Webquets⁴¹, blogs, redes sociais etc., um pouco do novo com paradigmas novos

Apesar de não caber aqui discutir a (in)aptidão de algumas ferramentas para a Educação ou mesmo a existência ou não de infraestrutura ou de conhecimento para desenvolver determinados usos, entendo que ainda há alguns aspectos muito pouco explorados. Com todos os recursos comunicativos proporcionados pela Internet, apenas 12 dos professores pesquisados promovem a interação de alunos de escolas diferentes em projetos colaborativos; 42 ainda nunca fizeram isso e somente 10 já criaram salas de bate-papo temáticas, contra 57 que nunca o fizeram.

Quanto ao modo como os professores se relacionam e se comunicam com seus alunos fora do ambiente escolar, através das diversas mídias, ainda há uma distinção muito grande entre os prováveis pioneiros e os demais professores. No que diz respeito à troca de número de celular, 35 dos 79 afirmam que não utilizam esse meio para falar com seus alunos, em oposição a 22 que confirmam fazer isso de vez em quando. Isso, de certa forma, é até bastante razoável, visto que a disponibilização do número de celular é uma exposição muito grande do professor. Já 32 utilizam MSN, Skype, Google Talk nessa comunicação e 36 mantêm contato com eles através de redes sociais como Orkut e Facebook. Apenas 16 o fazem através do Twitter. Não obstante, o “velho e bom” email permanece no topo da manutenção de contato professor-aluno. São 52 docentes que fazem uso dele, sempre ou quase sempre, e outros 20, de vez em quando. Essas mídias, com certeza, são menos invasivas que o celular. Um exemplo disso é o testemunho da professora Suely⁴²:

⁴¹ WebQuest é uma metodologia de pesquisa orientada na Web. Foi criada pelo professor Bernie Dodge, da Universidade de San Diego, em 1995. Nela, quase todos os recursos utilizados são provenientes da própria Web, seguindo a seguinte estrutura: introdução, tarefa, processo, recursos, avaliação e conclusão.

⁴² As falas dos professores (e de alunos que venham a aparecer) serão apresentadas respeitando a escrita deles, com erros ortográficos, de concordância, abreviaturas e criações personalizadas, tão comuns às interações em meios digitais. É importante lembrar que o ambiente online propicia, em



Com @s alun@s, uso muito o msn e o orkut para "coisas" da aula e de fora da aula... isso nos aproxima... o virtual, por incrível que pareça (e eu era uma das que pensava que a Internet distanciava as pessoas!), nos revela mais... cria vínculos mais fortes... às vezes, na aula, não dá "tempo" de conversar sobre uma ou outra questão... então, falamos no msn!!! (Email)

Acredito que as palavras de Suely mostram duas coisas muito importantes: a nova face ou atitude do professor da sociedade atual e a nova concepção da relação professor-aluno na Cultura Digital. O mestre não é mais aquele detentor do conhecimento que se coloca no tempo cronometrado de aula para disponibilizar um pouco do seu saber àqueles alunos (que seriam sem luz). O professor do século XXI ou o pioneiro, mais do que nunca, é aquele que se relaciona com seus alunos e com eles constrói conhecimentos, partilha, troca, interage.